

## Apresentação

Alexandre Ragazzi, Cássio Fernandes, Patricia D. Meneses

Publicamos, nesta edição de *Figura*, um dossiê em homenagem a Luiz Marques por ocasião de sua aposentadoria do Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas. Em seus mais de 30 anos na instituição, Luiz Marques formou toda uma geração de historiadores da arte e ajudou a consolidar a disciplina no país. Em suas pesquisas, versou com notável competência e brilhantismo sobre uma vasta gama de assuntos, algo possível apenas a quem possui engenho aguçado e refinada erudição. Escreveu sobre artistas pertencentes a geografias e períodos históricos diversos, sobre coleções de obras de arte brasileiras e europeias; dedicou-se com afinco ao tema da constituição e recepção da tradição clássica e, mais recentemente, à questão do colapso ambiental que se impõe à humanidade em decorrência dos excessos do modo de vida capitalista. Além de renomado professor de História da Arte, Luiz Marques foi idealizador e cofundador desta Revista, de maneira que este se apresenta como um espaço mais do que apropriado para acolher os tributos que agora alguns de seus alunos e alunas lhe rendem.

Entre os textos aqui reunidos para realizarmos esta homenagem, dois grupos formaram-se espontaneamente. Há artigos que apresentam pesquisas individuais, nas quais Luiz Marques se faz presente seja diretamente, como orientador, seja indiretamente, quando seus orientandos, produzindo novos trabalhos após os tempos de mestrado e doutorado, deixam entrever métodos e conhecimentos recebidos em aulas e conversas. Contudo, há também textos em que os autores procuraram estabelecer diálogos com temas específicos do legado intelectual de Luiz Marques, notadamente suas pesquisas sobre a arte do século XIX e sobre os livros *Vida de Michelangelo Buonarroti* e *Capitalismo e colapso ambiental*.

Renato Menezes Ramos reflete sobre o *Juízo Final* de Michelangelo, sobre a descrição vasariana da obra e sobre a interpretação que essa descrição

recebeu de Luiz Marques. Diante da representação imagética do fim da existência humana sobre a Terra, o medo e o *terror* ultrapassam o plano religioso e encontram ressonâncias na vida cotidiana, tanto no século XVI como no presente. Questões correlatas são tratadas no segundo artigo, embora de forma bastante diversa. Antonio Leandro Barros apresenta uma provocação aos historiadores da arte ao questionar os rumos da disciplina na era do Antropoceno. Considerando que a História da Arte se desenvolveu concomitantemente ao capitalismo, como devemos atuar diante da iminência de um colapso ambiental? Fernanda Marinho teve também essas questões em mente ao escrever sobre o complexo tema da representação do espaço, interpretado aqui tanto como lugar de ocupação, representativo de certa identidade cultural inserida nos debates pós-coloniais, quanto como lugar em degradação que ameaça a própria condição humana. E, por fim, Elaine Dias cuidou de destacar a relevância de Luiz Marques nos estudos sobre Nicolas-Antoine Taunay e Félix-Émile Taunay, em que uma grande ênfase recai sobre o gênero da pintura de paisagem como elemento moderno e constitutivo de uma ideia de nação. Trata-se da recuperação de um momento de fascínio, por vezes revestido de muito pessimismo também, diante da exuberância da natureza brasileira.

Por outro lado, Ianick Takaes de Oliveira explora o fenômeno conhecido como *síndrome de Stendhal* e outras patologias semelhantes como manifestações integrantes de uma rede interconectada, a qual seria possibilitada seja pelo turismo global associado a angústias artístico-religiosas, seja pela migração de ideias relativas aos limites da experiência artística. O mito do “poder da arte” aqui cede lugar a uma interpretação mais científica e interdisciplinar. Juliana Barone coloca em contexto os estudos de Leonardo da Vinci sobre o tema do moto-contínuo, promovendo relações entre diferentes períodos da trajetória de Leonardo e entre seus variados interesses, desde os desenhos sobre geometria e mecânica até os que retratam o voo dos pássaros e o movimento humano. Maria Berbara optou por resgatar um tema de sua época de mestrado, quando, sob orientação de Luiz Marques, dava os primeiros passos no campo da

História da Arte. Em seu artigo, analisa a iconografia de um conjunto de imagens sacrificiais atribuído a Correggio e seu ateliê, o qual está presente na igreja de *San Giovanni Evagelista*, em Parma.

Dando continuidade a esse grupo, Larissa Carvalho publica parte do resultado de sua pesquisa de doutoramento, em que considerou a manipulação de identidades durante o Quinhentos a partir da circulação de gravuras e da constituição do gênero dos *livros de trajes*. Assim, a autora explora um vasto repertório de imagens, o qual é voltado, por sua vez, ao reconhecimento das diferenças na maneira de vestir de pessoas espalhadas por várias regiões do globo. Paula Ferreira Vermeersch também retornou a um tema relacionado a seus estudos de doutoramento. Desta vez, apresenta uma análise sobre dois afrescos realizados por Sandro Botticelli na Capela Sistina, procurando estabelecer uma conexão entre a composição das pinturas e algumas fontes literárias e históricas. Já Tamara Quírico aborda o tema da crucificação de Cristo entre os séculos XIII e XV. Sem deixar de considerar as ressonâncias dessa tradição na atualidade, a pesquisadora demonstra como a maneira de se representar o tema foi modificada a partir de uma tendência crescente a enfatizar o sofrimento e o sangue do corpo crucificado. Encerrando o dossiê, agora no contexto brasileiro entremeado com a arte europeia, Letícia Martins de Andrade oferece uma minuciosa investigação sobre um conjunto de terracotas paulistas que representam *Santana Mestra*. Denominadas *Santanas bolo de noiva*, esse peculiar tipo iconográfico é esquadrihado pela autora, que tece hipóteses sobre seus significados simbólicos, sua constituição formal e sua circulação em território brasileiro e ibérico.

Finalizamos nossa apresentação apenas recordando que esta é uma singela maneira que encontramos para homenagear a figura de Luiz Marques. As alunas e os alunos aqui reunidos certamente representam as vozes de muitos outros, e, assim, todos desejamos expressar nossa admiração ao professor e amigo Luiz Marques, a quem agradecemos imensamente e dedicamos esta edição de Figura.